

Memórias de vampiro



IVAN JAF AS
REVOLTAS DO
VAMPIRO

Ilustrações
ALEX SENNA

Nova edição

ea
editora ática

AS REVOLTAS DO VAMPIRO

© Ivan Jaf, 2008

Direção Presidência
Gerência editorial
Coordenação editorial
Edição
Planejamento e controle

Mario Ghio Júnior
Cintia Sulzer
Fabio Weintraub
Andreia Pereira
Patrícia Eiras
Adjane Queiroz

Arte

Daniela Amaral (ger.)
Erika Tiemi Yamauchi (coord.)
Nathalia Laia (assist.)
Nathalia Laia
Karen Midori Fukunaga

Projeto gráfico
Diagramação

Revisão

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.)
Kátia Scaff Marques (coord.)
Rosângela Muricy (coord.)
Gabriela M. Andrade
Patrícia Travanca
Paula T. de Jesus
Sandra Fernandez
Vanessa P. Santos

Coordenação comercial

Carolina Tresolavy

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jaf, Ivan, 1957-
As revoltas do vampiro / Ivan Jaf ; ilustrações Alex
Senna. - 2. ed. - São Paulo : Ática, 2019.
il. - (Memórias de vampiro).

ISBN: 978-85-08-19434-6

1. Literatura infantojuvenil I. Senna, Alex
(ilustrador). II. Título. III. Série.

2019-0305

CDD: 028.5

Julia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

ISBN 978-85-08-19434-6

CL: 742362

CAE: 661277

2019

2ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2019

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo, SP – CEP 05426-902

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

Conheça nosso portal de literatura Coletivo Leitor:

www.coletivolector.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



EDITORA AFILIADA

*É perigoso estar certo,
quando o governo está errado.*

Voltaire

SUMÁRIO

- | | | |
|-----------|---|-----------|
| 1 | Conselhos caindo em cesto furado. | 7 |
| 2 | Onde falta habilidade, sobra preguiça. | 11 |
| 3 | Deus dá o boi e o chifre. | 16 |
| 4 | Quem os pariu, que os crie. | 22 |
| 5 | Fazer filho não é difícil, difícil é ser pai. | 27 |
| 6 | “O espelho é um demônio mudo.” | 32 |
| 7 | Mente bem quem de longe vem. | 38 |
| 8 | Esquenta, mas não ferve. | 42 |
| 9 | Enquanto há figos, há amigos. | 45 |
| 10 | Na casa do Pai João, todos gritam e ninguém tem razão. | 50 |

- 11** O bem não deve depender do mal. **55**
- 12** Não se deve caramelizar a realidade. **60**
- 13** Na escola da vida não há férias. **67**
- 14** Não há pano bom sem avesso. **71**
- 15** Pai tem de ser como rapadura, duro mas doce. **78**
- 16** É melhor ter do que desejar. **83**
- 17** Papel escrito, prova de delito. **90**
- 18** Do homem é o errar, e da besta o teimar. **96**
- 19** A independência do vampiro. **102**

Conselhos caindo em cesto furado.



— **Tudo bem**, eu sei que a juventude é uma fase de descobertas, mas ele era um vampiro! Não podia ficar eternamente “descobrimdo” as coisas, como um pateta ingênuo, caindo nas mesmas ciladas, e precisando de ajuda para se safar. Vicente acreditava em qualquer um! Até um cachorro estúpido com o tempo acaba aprendendo que há muitos tipos de assovio.

A psicanalista-vampiro explicou, com sua voz macia:

— A mistura explosiva de excesso de energia com turbilhão emocional faz o jovem adotar condutas de risco, e se meter em perigos reais.

— Dos quais ele precisava ser salvo, para depois me acusar de estar me metendo na vida dele!

Eu me sentia ansioso como nunca no divã da psicanalista, aquele enorme caixão de jequitibá com braçadeiras de prata. A noite quente de verão no Rio de Janeiro agitava os morcegos da praça em frente ao prédio onde ela morava e tinha seu consultório. Eu ouvia os guinchos de prazer enquanto voavam entre as copas das amendoeiras. Queria estar lá fora, com eles.

A psicanalista bebia tranquilamente uma caneca de sangue gelado.

Eu a havia procurado há alguns meses, movido por um estresse emocional que me provocara insônias terríveis durante dias. Ela me fizera recordar a história de um antigo companheiro meu, o vampiro Raimundo Pascoal, que, em meados do século XVIII, em Lisboa, tentou transformar um bebê em vampiro. A princípio achei que aquilo não tinha nada a ver com a minha insônia, mas, no final, tudo se encaixou: aquele bebê, Vicente, era o protagonista de um drama de consciência que me torturava há mais de duzentos anos. Sou seu pai-vampiro.

Tenho 502 anos, fora os 48 do meu corpo mortal anterior. Sempre me recusei a transformar um humano em vampiro. A eternidade é um castigo. Aceitei minha nova existência resignado, mas jurei não “procriar”.

Queria poder repetir a última frase do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis — “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” —, mas não posso. Sou o pai-vampiro de Vicente, e precisei de muitas sessões de psicanálise para colocar isso para fora. Escrevi até um livro, *A insônia do vampiro*, contando toda a história.

Agora, numa segunda fase da análise, a psicanalista me instava a falar sobre minha relação com meu “filho”. Sempre doce, mas incisiva como seus dentes, me encaminhava com palavras:

— Já reparou o que uma criança faz quando começa a aprender a andar?

— Não — respondi.

— Ela dá alguns passos, mas vira para trás, para ver se os pais estão olhando. Quer a independência, mas teme o desamparo.

— Clemente, o vampiro que me atacou e jogou no mundo das trevas, meu pai-vampiro, me abandonou numa pilha de cadáveres em Lisboa, em plena Peste Negra, em 1506, depois de chupar todo o meu sangue. Eu tive de me virar sozinho.

Será que por isso eu quis agir diferente, e superprotegi Vicente? Será que, me abandonando, meu pai-vampiro apressou minha independência, enquanto eu, amparando Vicente, fui o culpado por sua interminável adolescência?

Seus pais biológicos haviam desaparecido no terremoto de Lisboa de 1755. Ele perdeu toda a sua família e conhecidos nessa grande catástrofe. Restou apenas seu irmão gêmeo, Antônio. Os dois foram separados com meses de vida, e criados sem saber da existência um do outro. Vicente foi adotado por um casal que recebia de mim, secretamente, periódicas bolsas cheias de moedas de ouro para alimentá-lo e educá-lo. Eu não podia me mostrar a ele. Sou um vampiro, e até então Vicente era um garoto normal. Mas ele havia sido mordido por Raimundo Pascoal na noite do parto, e resolvi acompanhar seu desenvolvimento, curioso para saber se o vampirismo se manifestaria nele algum dia, ou melhor, noite. Raimundo Pascoal também havia morrido definitivamente no terremoto. Era como se eu devesse a ele cuidar de seu possível “filho”.

Talvez eu tenha dado dinheiro demais aos pais adotivos, não sei, o fato é que eles cercaram Vicente de tantos cuidados que o mimaram. Isso fez dele um adolescente tardio aos vinte anos, idade em que, naquela época, um ho-

mem já comandava um navio. O rapaz era uma fonte de renda tão lucrativa que não podiam correr o risco de que algo acontecesse com ele. Ah, é claro, eles o amavam...

Vicente desconhecia totalmente seu passado até que uma prostituta, em 1775, em Lisboa, alertada pela semelhança de procedimentos na cama e de aparência física, inclusive o mesmo desenho de peixe tatuado na nádega esquerda, afirmou que só podia ser seu irmão gêmeo um soldado de Bragança, chamado Antônio.

Vicente então partiu em busca de seu irmão. Eu o segui. Ele sempre me preocupou. Sempre quis protegê-lo. Nessa viagem para o norte de Portugal, no rigoroso inverno de 1775, na véspera de Natal, ele foi vítima de salteadores que o roubaram e o deixaram numa gruta, com o ventre aberto por um golpe de faca e os intestinos à mostra, à mercê dos lobos. Naquela noite transformei-o em vampiro para salvá-lo da morte, e me tornei seu pai das trevas.

Ele estava inconsciente. Não soube que fui eu.

Eu o enganei. Disse que seu pai-vampiro era Raimundo Pascoal, e que a iminência da morte havia feito aflorar o vampirismo latente aqueles anos todos, desde que fora mordido na noite do parto. Ele acreditou. Contei-lhe tudo o que sabia sobre seu passado.

Acompanhei-o até Bragança, atrás do irmão gêmeo. Descobrimos que Antônio havia mesmo sido soldado numa fortaleza incrustada nas montanhas escarpadas dos arredores de Bragança, ao norte de Portugal, fronteira com a Espanha, como dissera a prostituta. Porém, por causa de mulheres e jogo, matara dois homens e fugira para o Brasil, para trabalhar em plantações de tabaco, em Pernambuco.

Convenci Vicente a voltar comigo para Lisboa. Eu lhe ensinaria a ser vampiro. Parece fácil, mas não é. Me dispus a orientá-lo no começo daquela nova existência... no entanto, em meados de abril de 1776, sem a menor experiência de vida, ou melhor, de morte, pois havia virado vampiro fazia apenas quatro meses, ele fugiu de minha casa para vir para o Brasil atrás do irmão.

Ele tinha vinte anos.

Nunca havia entrado num navio antes. Para nós, vampiros, viagens de navio são verdadeiras arapucas. Passar semanas ou meses convivendo com seres humanos num espaço limitado é arriscadíssimo. Enquanto o sol está no céu, dois terços do dia, estamos vulneráveis, por isso precisamos nos esconder em lugares bem seguros. Isso é impossível em um navio. A qualquer

momento um marujo idiota pode abrir um caixote e dar de cara com a gente. Daí a nos espetarem uma estaca no peito, ou darem nossa cabeça para os tubarões, é um passo.

Arrogante. Desde as primeiras semanas de convivência comigo me acusava de não deixá-lo cuidar da própria vida, e dizia não ver a hora de se tornar independente.

— Como quer ser independente se não tem juízo? — eu repetia, e isso o irritava profundamente.

A maioria dos vampiros pode ler pensamentos. Sou particularmente bom nisso. Mas existem ordenações misteriosas na nossa natureza. Um vampiro não consegue ler os pensamentos do vampiro que gerou. Eu nunca pude saber o que Vicente estava pensando.

Ele também não podia ler meus pensamentos, porque tenho o poder de bloqueá-los. Foi assim que consegui esconder que era seu “pai”.

Naqueles primeiros meses de 1776, na minha quinta, em Lisboa, enquanto ensinava Vicente a ser vampiro, ele secretamente planejava sua fuga para o Brasil.

Num final de noite, preocupado porque o sol ia nascer e meu filho ainda estava na rua, descobri um bilhete de despedida dentro de seu caixão.

Ele partira na noite anterior. Havia me enganado, fingindo deitar cedo. Foi para o cais de Belém e embarcou dentro de uma caixa cheia de camisas de algodão manufaturadas na Inglaterra, num navio mercante rumo ao Brasil.

Ele se sentiu esperto. Estava confortável entre as macias peças de tecido, e seguro de que não abririam a caixa até chegar a Pernambuco, destino oficial da embarcação.

Só não desconfiava de que aquele era na verdade um navio de contrabandistas, cujo destino podia ser qualquer um, menos o oficial. E aí começou sua desastrada aventura.